

A SALVAÇÃO DO MUNDO: RENASCIMENTO DO HOMEM NA TRAGICOMÉDIA REGIANA

Cristiana M. Oliveira
Universidade de Évora

«Que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro,
perdendo-se ou condenando-se a si mesmo?»⁶⁶

«Todos temos de morrer em vida [...] e depois ressuscitar.
Ai de quem nunca morre em vida, que está morto para sempre!»⁶⁷

INTRODUÇÃO

José Régio era, é e será um grande poeta⁶⁸. Escreveu mais poesia do que teatro, sempre com um teor filosófico e metafísico aguçados. A sua escrita questiona e desafia os limites da condição humana e toda a sua obra trilha um caminho de indagação, crescimento e maturidade espirituais. A tragicomédia em três actos, *A Salvação do Mundo* (1954), combina tudo isso e mostra o comportamento do homem na relação consigo mesmo e com os outros, e de como isso pode ser gatilho para um homem novo e uma nova vida.

Na página anterior, desenho de Régio com dedicatória ao poeta e amigo Luís Amaro, em página de rosto do livro *A Salvação do Mundo*, Vila do Conde, 1968.

⁶⁶ LC 9, 25

⁶⁷ Régio, José. *A salvação do mundo* (2ª ed.). Portugália Editora [Obras Completas José Régio], p.150.

⁶⁸ Castro, Ferreira de Castro. (1996). O poeta José Régio. *Vária escrita* N.º3. C.M. Sintra, p.248.

Ao estilo regiano em *Confissão dum homem religioso* (1971), este artigo pretende analisar o percurso labiríntico e ascendente de Pedro de Traslândia. Um homem apenas, capaz de salvar o mundo e/ou reino, salvando o seu mundo interior em primeiro lugar. Nesse ensejo, iniciaremos por uma leve abordagem à tragicomédia, realçando a pertinência deste subgênero e dos seus principais interlocutores na história do teatro. Referimos e analisamos a evolução do protagonista para demonstrar como o efeito purificador e libertador (Aristóteles⁶⁹) da tragicomédia atua eficazmente sobre o mesmo. E à luz de uma interpretação mais espiritual e religiosa, sublinhamos ainda a importância de reconhecermos as nossas fraquezas (André Louf⁷⁰) e de morrermos em vida para renascermos. Não há nada mais trágico e cómico do que a vida e a morte. Contudo, é o renascimento ou, a um nível mais crístico, a ressurreição que ressignifica a esperança na existência humana e que salva o Homem e a Humanidade; já a Bíblia nos ensina isso há séculos.

II. TRAGICOMÉDIA: UMA FILOSOFIA PARA RIR E CHORAR POR MAIS

Utilizado, pela primeira vez, por Plauto em *Anfitrião*, o termo tragicomédia só se desenvolveu mais largamente a partir do Renascimento, caindo em desuso no Romantismo. Não obstante, algumas representações deste subgênero literário e teatral vão acontecendo ao longo dos séculos. A combinação de elementos dramáticos e cómicos, por um lado,

⁶⁹ «Aristóteles, na sua *Poética*, foi o primeiro a atribuir às tragédias esse efeito purificador e libertador.» (Hermesen, 2022, p.82)

⁷⁰ «Será mesmo necessário que um dia nos afundemos, para termos a experiência concreta da nossa fraqueza [...]» (Louf, 1999, p.53)

representam, por um lado, situações sérias e trágicas e, por outro, situações humorísticas e irônicas. O efeito contrastante ajuda a explorar temáticas profundas (condição humana, morte, sofrimento, moralidade) com leveza, ironia e riso, e essa mistura catártica de emoções leva o espectador a refletir de uma forma mais espontânea e construtiva. Muitas vezes, o simples (re)conhecimento do humor na dor é um primeiro passo para desconstruir dilemas, situações críticas e/ou problemas e, com isso alcançar uma nova perspectiva que nos oriente para uma solução.

Como a filosofia é a ciência da vida, aproveito para abrir um parêntesis acerca do humor. O filósofo francês Henri Bergson escreveu sobre *O Riso*, conferindo-lhe uma certa fisionomia de *gesto social*⁷¹, que pode aliviar na gestão da *tensão e elasticidade* que a vida e a sociedade nos exigem. Bergson entende a importância do riso em todos os contextos e sublinha a necessidade de leveza face à seriedade da existência humana. Para ele, o riso é uma forma de crítica social, uma defesa contra a dureza da vida e um meio de renovar a vida social. Ele enfatiza o carácter essencialmente coletivo do riso, por causa do seu potencial de coesão social e de apontamento de falhas e/ou hipocrisias no comportamento humano. No fundo, esta filosofia do riso é também a do choro, pois rir de tristeza e chorar de alegria pode ser das catarses mais revitalizadoras.

Séculos depois dos gregos, outras manifestações reavivam o diálogo sobre o teatro e a tragicomédia. *Arte nuevo de hacer comedias en este tiempo* (1609) é um tratado imprescindível para a história do teatro, escrito por Félix Lope de Vega (1562-1635), e dirigido à Academia de Madrid.

⁷¹ «Pelo receio que inspira, reprime as excentricidades, mantém constantemente despertas e em contacto recíproco certas atividades de ordem acessória que corriam o risco de se isolar ou adormecer, flexibiliza por fim tudo o que poderia restar de rigidez mecânica na superfície do corpo social.» (Bergson, 1991, pp. 23 e 24)

Neste texto ensaístico em verso, Lope de Vega confessa os seus fortúnios e infortúnios e estabelece as bases da comédia espanhola, juntamente com as características e a técnica da dramaturgia da época, em prol da defesa do seu teatro ante os académicos e de uma nova abordagem para a escrita de comédias. Para isso, distancia-se das regras rígidas do teatro clássico, baseadas na imitação da tragédia e na estrita observação das unidades de tempo, lugar e ação. Ele privilegia uma estrutura mais flexível e heterógena que integre elementos populares e explore emoções variadas (amor, honra, conflito social). A comédia deve entreter e cativar o espectador e refletir a vida real, tal como ela é, complexa e contraditória. Daí a importância da dinâmica na narrativa, na ação e nas personagens. Estas últimas devem ser reconhecíveis e devem expressar as virtudes e os vícios humanos. *Arte nuevo* constitui assim um manifesto do teatro barroco que revolucionou a dramaturgia na língua de Cervantes, promoveu uma maior liberdade criativa e imprimiu popularidade e diversidade nas comédias de Lope de Vega e seus contemporâneos.

No subcapítulo «*Concepto de tragicomédia* (157-180)», especificamente do verso 174 ao 180, Lope de Vega vai até à raiz das raízes. Atentemos na seguinte analogia:

«Lo trágico y lo cómico mezclado,
y Terencio con Séneca, aunque sea
como otro Minotauro de Pasife,
harán grave una parte, otra ridícula,
que aquesta variedad deleita mucho:
buen ejemplo nos da naturaleza,

que por tal variedad tiene belleza.»⁷²

Primeiro, a inclusão de duas figuras importantes da literatura e mitologia – Séneca e Pasífe – sugere uma reflexão sobre a dualidade da natureza humana e a complexidade da arte dramática. Os temas da obra de Séneca são a tragédia, a moralidade e a luta do indivíduo. Ao mencioná-lo, Lope de Vega evoca a tragédia clássica, centrada na experiência humana, no sofrimento e nas paixões. Isto contrasta com o cómico e convida o leitor e o espectador a considerar a complexidade da vida, onde o trágico coexiste frequentemente com o ridículo e o cómico. Na mitologia grega, o amor de Pasífe por um touro (mito do Minotauro) simboliza a irracionalidade, os instintos primitivos e a sua tragédia pessoal, cujos aspetos grotescos e absurdos da condição humana, são simultaneamente trágicos e cómicos. A conjugação destes elementos e a mescla de géneros ressaltam a capacidade do teatro para explorar a existência. A vida está repleta de contradições e a mescla do trágico e cómico pode constituir uma representação autêntica da experiência humana, refletida no teatro e na literatura.

Em segundo lugar, a evocação da natureza *per se*, tendo em conta o deleite e a beleza da sua variedade, serão o *buen ejemplo* para espelhar a variedade da tragicomédia – o trágico e o cómico. A natureza é, de facto, o exemplo mais próximo e visível que o ser humano pode ter das suas raízes e da criação do mundo. Então, a dupla evocação, feita por Lope de Vega, busca indicadores primórdios, perceptíveis a todos os tipos de leitor

⁷² Vega, L. de. *Arte nuevo de hacer comedias en este tiempo*. Disponível em https://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/arte-nuevo-de-hacer-comedias-en-este-tiempo--0/html/ffb1e6c0-82b1-1df-acc7-002185ce6064_4.html. Consultado a [4 de outubro de 2024]

e espectador; e infinitos, pois a natureza é uma fonte inesgotável de variedade criativa. Numa aceção mais panteísta, a contemplação da Natureza para buscar o sentido único de todas as coisas encontra-se subtilmente subjacente nestes versos. A natureza pode não conter todas as respostas, mas contém os sinais que nos podem ajudar a aprofundar o sentido das nossas questões.

Aprofundemos agora o tema da natureza ao nível da espiritualidade. A tríplice memória-entendimento-vontade é, por assim dizer, a psicologia do mundo antigo. Conhecida como as três potências da alma, Santo Agostinho (354-430) associa-as com a Santíssima Trindade no tratado *De Trinitate*. Ele refere que a alma humana é tão imagem do Deus trinitário que a própria estrutura psicológica é tripartida. E salienta ainda a ideia de que o ser humano só se conhece melhor a si mesmo à luz do mistério trinitário. Mais tarde, muitos autores medievais usam esta tríplice estrutura psicológica da pessoa para aprofundar o conhecimento íntimo sobre o ser humano. Um dos mais destacados é São Tomás de Aquino (1225-1274). Para ajudar a compreender melhor a ideia e por motivos pedagógicos, o Padre Miguel Pedro Melo associa-lhe uma visão tripartida da árvore⁷³. Segundo palavras suas, as raízes são a vontade profunda, o tronco e os ramos o processo e o entendimento, e os frutos a memória. Antes de colhermos os frutos de uma memória agradecida, temos de entender o processo interior de crescimento do tronco e dos ramos. No entanto, antes disso temos de ir mais fundo, até às raízes, senão corremos o risco de podar na superfície e de os frutos não chegarem a existir. Esta imagem reitera a

⁷³ No âmbito dos Exercícios Espirituais de 8 dias em silêncio, de 19 a 27 de setembro de 2024, na Casa da Torre em Soutelo, Braga.

ideia de que a origem de tudo está na raiz e ressalva a importância de começarmos sempre pelo princípio, antes do meio e do fim.

III. PEDRO DE TRASLÂNDIA: COMO RENASCER DAS CINZAS?

Após o reconhecimento da origem das raízes, gera-se todo um processo de procura de sentidos. Régio fê-lo durante a sua vida como homem e escritor: «Creio que procurar sentidos é natural ao homem: pertence-lhe à condição.»⁷⁴. Depois de se deparar com o seu meio familiar, com a sua ausência de fé e com o mistério de Jesus, Régio questiona-se a si mesmo: «Quem era eu *afinal*? – o que pensava de firme? O que sentia de permanente? – perdido neste caos?»⁷⁵. Estas interrogações foram o início de uma peregrinação interior, com marcos significativos – graus de Deus e do eu, convívio humano, religião e a arte, vocação mística – que aprofundaram a sua visão das coisas do mundo e da vida, resultando num profundo sentimento de *Unidade*⁷⁶. A procura de sentidos é realmente inata à condição humana e, apesar do sedentarismo, que marca a sociedade (moderna e capitalista), o nomadismo reflete-se no ser individual e interior pela busca incessante de sentidos e respostas.

No caso do ato primeiro em *A Salvação do Mundo*, o silêncio de Pedro da Traslândia, após proferir o seu discurso de testamento, é um silêncio reflexivo, de escuta dos seus conselheiros, que despoleta, mais tarde, uma constatação nietzschiana: «A verdadeira questão. Todo o mal está na raiz

⁷⁴ Régio, José. (2020). O labirinto. *Confissão dum homem religioso*. Opera Omnia, p.83.

⁷⁵ Régio, José. (2020). O labirinto. *Confissão dum homem religioso*. Opera Omnia, p.81.

⁷⁶ “Um profundo sentimento de *Unidade* fundamental e suprema [...] assim desmentido por uma Finalidade e um sentido embora ignotos ou incognoscíveis.” (Régio, 2020, p.180)

da natureza humana.»⁷⁷. Pedro da Traslândia toma consciência do mal humano e da sua raiz no silêncio das perguntas sem resposta, quando se depara com a sua própria miserabilidade e com valores da monarquia, do totalitarismo e da democracia, calcificados em demagogias deformadas e falhadas, cuja única razão é a luta pelo poder. Tal como escreveu Joaquim Pacheco Neves (1910-1998) em «A morte na literatura de Régio» (1980): «[...] a necessidade do homem morrer para a vida que leva, uma vida cheia de mácula, de vícios, de podridão, e a necessidade de ressuscitar para ser outro homem marcado pelo propósito de se renovar e salvar, salvando a Humanidade.»⁷⁸. Será essa *necessidade* de Pedro da Traslândia, levada ao extremo do suicídio, que transforma um propósito de individual e ensimesmado num coletivo e aberto. Essa transformação é consequência de uma situação paradoxal e insólita; um *plot twist*. Um operário, chamado Jerónimo, incumbido da missão de matar o rei, acaba por salvá-lo da tentativa de suicídio, em vez de o matar. Neste momento, Jerónimo funciona como a voz da consciência do rei, confrontando-o com questões profundas da morte que, por sua vez, são o mote para outras questões do reino e do povo: «E que medo por ter da morte um homem que decidira morrer?»⁷⁹. Ele desafia-o a não ter medo e a tornar a sua fraqueza numa força. Alerta-o para os perigos dos lugares-comuns da hipocrisia, do oportunismo, do egoísmo, da ambição, da pretensão e da mediocridade. E instiga-o a deixar o seu reino para o conhecer melhor: «Por que não tomas, uma vez na vida, contacto directo com alguns representantes do teu povo

⁷⁷ Régio, José. *A salvação do mundo* (2ª ed.). Portugália Editora [Obras Completas José Régio], p.73.

⁷⁸ Taipa, Orlando. (1980). *A morte na literatura de Régio. A dez anos da morte de José Régio*. Editorial Resistência, p.34.

⁷⁹ Régio, José. *A salvação do mundo* (2ª ed.). Portugália Editora [Obras Completas José Régio], p.66.

infeliz? [...] Atrever-te-ias a isso?»⁸⁰. Após o diálogo tenso entre Jerónimo e o rei, ele aceita o convite e torna-se seu camarada. Ambos adiam as missões incumbidas (suicídio e homicídio do rei) e vão para uma taberna, onde o rei terá a sua primeira experiência real como homem do povo e não como rei. O efeito libertador e salvífico que Jerónimo produz no rei torna-o parte da primeira fase da catarse do protagonista. A partir daí, inicia-se o ato segundo, o qual prossegue com este *drama da conversão*⁸¹ de um rei cansado, desesperado e angustiado para num homem novo, arrependido e pronto para governar.

O lugar da taberna encontra-se no bairro Morte-em-pé; um dos bairros mais pobres e populosos da cidade, onde o ambiente é denso e de atrito. Até que acontece um momento musical que acalma os ânimos:

«Nasci em lençóis de palha,
Que outros lençóis não havia.
De hora a hora e dia a dia
Vou vivendo como calha.

Só tenho categoria
Quando tenho quem me valha.
Sei que morro qualquer dia
Nos mesmos lençóis de palha...»⁸²

⁸⁰ Régio, José. *A salvação do mundo* (2ª ed.). Portugália Editora [Obras Completas José Régio], p.76.

⁸¹ Santos, Elsa R. dos. (1998). Ideias expressionistas no teatro de José Régio. *Boletim centro de estudos regianos*, (3). Câmara Municipal de Vila do Conde, p.54.

⁸² Régio, José. *A salvação do mundo* (2ª ed.). Portugália Editora [Obras Completas José Régio], 106.

Estas duas quadras constituem um momento único de poesia na peça, no qual é cantada a história de alguém do povo. Mirita canta na primeira pessoa e encanta Pedro da Traslândia. Este é o contacto mais próximo do rei com uma voz individual e coletiva, despertando-lhe interesse e sensibilidade: «Gostei de ouvir-te, Mirita. E não me admira que os versos sejam teus. Vê-se que sentes o que dizes. Cantaste a tua história?»⁸³. Este é possivelmente o momento em que o rei disfarçado se consciencializa da miséria do seu povo. Não é por acaso que o poeta e dramaturgo Régio coloca uma voz feminina a cantar, e não simplesmente a contar. Ele escolhe-a para comover mais facilmente o rei, e escolhe a poesia e a música para conferir beleza a uma história com altos e baixos, e para dar corpo e identidade a uma mulher do povo. Como sabemos, o povo e as mulheres são grupos sociais esquecidos e menosprezados, embora extremamente importantes para a sociedade e seu desenvolvimento, e Régio confere-lhes destaque numa só voz. Ao nível da forma, através da simplicidade e pureza das quadras, Régio quebra e dinamiza a estrutura do texto dramático, chamando a atenção do espectador, e imprime musicalidade, com rimas interpoladas e alternadas. Esta forma poética popular faz parte da tradição oral, veículo por excelência, para transmitir sabedoria de geração em geração e para unir o povo nas adversidades. O que seria a Humanidade sem a herança do conhecimento de séculos e séculos? Régio traz também essa consciência à tona ao introduzir estas duas quadras.

No seguimento do ato segundo, surge a personagem O Profeta, a qual estimula o diálogo e o questionamento sobre corpo/vida-espírito/morte entre o povo e o rei. Ao contrário de Jerónimo, esta personagem é a voz da

⁸³ Régio, José. *A salvação do mundo* (2ª ed.). Portugal Editora [Obras Completas José Régio], p.108.

consciência divina; o «humílimo discípulo»⁸⁴ de Cristo Ressuscitado. Tal como Ele, O Profeta pretende também salvar quem encontra, mas para isso é preciso seguir o exemplo do próprio Mestre: morrer em vida para ressuscitar. Caso contrário, estará para sempre morto. Só que O Profeta pretende ter esse efeito redentor através da ilógica de Deus, uma lógica incompreendida aos olhos e ouvidos humanos: «Para que servem as palavras, as ideias, as doutrinas, senão para exasperarem os homens uns contra os outros? Não compreendes que o Santíssimo Espírito se possa comunicar só por Si?»⁸⁵. Quanto mais fala, mais incompreendido é, principalmente quando fala sobre o Quinto Evangelho. Um Evangelho em branco que não será escrito com palavras, porque a letra mata o Espírito⁸⁶. A ausência de palavras, ideias e doutrinas de O Profeta e do Quinto Evangelho é deveras um mistério para Pedro de Traslândia. No entanto, é na dúvida desse mistério que irrompe a ideia de uma combinação: «Tenho em casa uns companheiros cheios de palavras, de ideias, de doutrinas; dos tais, percebes? [...] Queres apresentar-te em minha casa?»⁸⁷. De repente, os papéis invertem-se. Pedro da Traslândia termina a sua missão com o povo na taberna, desmascarando-se, e avança para a sua missão com os seus conselheiros no palácio. É como se ele visse n'O Profeta uma oportunidade para salvar os seus conselheiros. É como se sentisse um rei/homem novo chamado a uma missão maior do que qualquer outra, onde possa talvez ser uma espécie de profeta do seu reino.

⁸⁴ Régio, José. *A salvação do mundo* (2ª ed.). Portugália Editora [Obras Completas José Régio], p.150.

⁸⁵ Idem, p.162.

⁸⁶ «Em branco. Pois ainda não compreendeste? Não é sempre a letra que vem matar o Espírito?» (Régio, 1968, p.162)

⁸⁷ Régio, José. *A salvação do mundo* (2ª ed.). Portugália Editora [Obras Completas José Régio], p.164.

O ato terceiro começa com o planeamento de um golpe. Os chefes dos partidos democrático, aristocrático e extremista preparam uma sessão, assistida por O Jornalista de “O País”, na sequência de uma semana de ausência do rei. Entretanto, surge a Rainha-Mãe, desesperada para ver o seu filho que subitamente aparece. Aqui acontece outro *plot twist*, porque Pedro da Traslândia substitui os seus conselheiros reais por três ministros do povo: O Profeta, Jerónimo e um operário. O golpe cai por terra e a nova atitude do rei impulsiona um diálogo complexo à volta de possíveis formas de governo. A dada altura, O Profeta intervém e condena: «Guerra! guerra! guerra! sempre guerra!... guerra e dissolução... É no que vêm a dar todos os vossos progressos, todas as vossas doutrinas. Já para vos manterdes precisais de guerra; para viverdes precisais de luta!»⁸⁸. Em total concordância com O Profeta está a Rainha-Mãe. Ela é o elo entre os homens e o espírito⁸⁹, sendo também a única que acolhe, sem reservas, o Quinto Evangelho: «Eu aceito que o teu Livro esteja em branco. Também ouço muitas coisas que falam sem palavras: as portas velhas, as tábuas do soalho, os sinos, o vento, os móveis, o ratinho branco, a água..., sei lá! sei lá!... Eles é que não ouvem nada, nem dizem nada sem os discursos.»⁹⁰. Notemos como o Profeta e a Rainha-Mãe percebem um código de linguagem do mundo sensível, manifestado na natureza, nas coisas e nos sons, e não traduzível em abecedários. A imaterialidade da linguagem espiritual pode ser desconcertante para uns e concertante para outros, e isso é notório ao longo

⁸⁸ Régio, José. *A salvação do mundo* (2ª ed.). Portugália Editora [Obras Completas José Régio], p.220.

⁸⁹ “A personagem da Rainha-Mãe é fundamental na compreensão do papel obstrutivo da linguagem na comunicação entre os homens. Esta toca os sons que as palavras não conseguem atingir, a cítara diz o que as palavras não conseguem dizer.” (Santos, 1998, p.58)

⁹⁰ Régio, José. *A salvação do mundo* (2ª ed.). Portugália Editora [Obras Completas José Régio], p.225.

da peça. Exceto para Pedro de Traslândia, pois toda a sua ponderação coloca-o numa posição mediadora, entre a crença e a descrença, entre a vida e a morte, renascendo a cada instante do seu questionamento.

IV. PEDRO DE TRASLÂNDIA: O HORIZONTE INACABADO DA CONVERSÃO

Transcrevemos agora o discurso final de Pedro da Traslândia, visto que representa a certidão de (re)nascimento de um homem humilde e de um rei novo perante o reino terreno e divino. Leiamos com atenção:

«Amigos! obrigado por mais uma vez terdes vindo! Já vários dos que me cercam desesperam de mim. Vós ainda não! E é isso que me dá nova coragem. Obrigado amigos... [...] Obrigado, amigos, por me oferecerdes mais esta oportunidade. Sem ela, a minha vida já não teria sentido. Não há muitos dias que deste mesmo balcão vos falei... nem nunca vós chegastes a saber porquê. Pois bem! porque julgava ter desistido; desistido de tudo, até de viver. O meu discurso era um adeus e um testamento. Ninguém, nesse momento, o poderia bem entender. Mas ele ficaria... ficou registado. Contava eu que a minha morte viesse a esclarecer, depois, muitas daquelas palavras obscuras. Em vários passos da minha vida tenho sido um homem fraco, e um pobre rei; mas também sou da raça dos que só depois de mortos começam a ser entendidos! Aparentemente, pouco ou nada se passou desde aí até hoje. Muito se passou em mim, todavia. Mais uma vez aqui estou diante do meu povo, diante de qualquer povo, diante de mim próprio e de Deus..., – mas como um homem novo,

pronto a recomçar. Um homem que morreu e ressuscitou, e já não desiste! Pouco vos tenho a dizer. Quase nada mais do que isto. Venho nu, cheio de boa fé e boa vontade. Perdi toda a ciência que tinha..., que julgava ter, e que nem era ciência nem sabedoria. Agora não sei quase nada. Vou tentar aprender a cada instante com as realidades interiores e exteriores. Sinto-me rico, apesar de tão pobre; ou por isso mesmo, por isso! E receio já estar usando palavras a mais, porque isto não é um discurso político...»⁹¹

De homem fraco e pobre rei para um homem rico mas ainda pobre - este é o estado de graça de Pedro da Traslândia. A condição de pobreza espiritual, no sentido da humildade e do despojamento, é a condição do coração, ou seja, condição *sine qua non* para ser permeável ao Amor de Deus.

Segundo Louf:

«enquanto estamos na vida presente, Deus está continuamente operante.»⁹², portanto o estado de conversão será contínuo, aberto e inacabado⁹³.

Todos somos chamados a ser *pecadores em conversão* e a ilustração regiana vinca bem esse chamamento:

⁹¹ Régio, José. *A salvação do mundo* (2ª ed.). Portugália Editora [Obras Completas José Régio], pp. 246 e 247.

⁹² Louf, André. (1999). O nossos ídolos e deus. *Ao ritmo do absoluto*, 19-35. Editorial A.O. – Braga, p.18.

⁹³ «Este encontra-se continuamente na viragem da conversão» (Louf, 1999, p.20)



Desenho de Régio a grafite. Anos 30.

O traço forte e firme das expressões fisionómicas e o jogo dos sombreados, em função da luz da candeia, conferem diferentes nuances ao desenho. O maior realce encontra-se no espaço entre o corpo do Homem prostrado sobre o seu leito e do «Cristo moribundo»⁹⁴. O traço é mais

⁹⁴ Régio, José. (1969). *Poemas de deus e do diabo*. Portugalia Editora [José Régio Obras Completas], p.34.

carregado e escuro. Esse espaço obscuro figura o lugar de tensão que o olhar fito⁹⁵ gera - lugar de permanente conflito entre o humano e o divino, isto é, lugar de permanente conversão. A candeia, luz do Espírito, ilumina o caminho do Homem que, tal como Cristo, também tem de carregar a sua cruz, para alcançar Deus.

Este homem ilustrado pode ser Pedro da Traslândia que também fixa os seus olhos em Deus e faz o caminho da *Paixão*, expondo as suas chagas mais profundas a si mesmo, ao seu e a qualquer outro povo e a Deus. No ato primeiro, o velho rei morre, ao tentar o suicídio e ao ‘confessar-se’ a Jerónimo através de um diálogo de profundo questionamento. No ato segundo, renasce para uma vida diferente, em comunidade, na qual se depara com a verdadeira realidade do seu povo e dos seus conselheiros. No ato terceiro, ressuscita para uma vida nova, proposta pelo Espírito do Quinto Evangelho que, no fundo, é o convite do Evangelho à Humanidade. No seu discurso final, o forte sentido de rendição de Pedro da Traslândia no seu discurso final liberta-o, finalmente, das vestes poeirentas de um velho rei, deixando-o nu. Este será o primeiro passo de entrega total à Vida e ao Amor de Deus. À semelhança do que nos é narrado no Evangelho de São Lucas, também o Filho do Homem teve de sofrer, ser rejeitado e morto para ressuscitar⁹⁶. Doutra forma, nada nem ninguém se salvaria⁹⁷, nem mesmo o Próprio. Mais uma vez, a história repete-se, mas à escala de um rei na Traslândia.

⁹⁵ «com os olhos fixos em Jesus» (Heb 12, 2)

⁹⁶ «O Filho do Homem tem de sofrer muito, ser rejeitado / [...] tem de ser morto e, ao terceiro dia, ressuscita.» (Lc 9, 22)

⁹⁷ «Pois quem quiser salvar a sua vida, perdê-la-á, / mas quem perder a sua vida por Minha causa, salvá-la-á.» (Lc 9, 24)

Em paralelismo com *Confissão dum homem religioso*, também Régio tentou o *voo mortal*: «Sim, uma duas vezes, nesses momentos em que se atinge a impossibilidade de continuar e só a morte nos oferece uma abertura apavorante e sedutora [...] E que gesto errado, então, acabar com a vida antes de esgotar todas as possibilidades de a viver!»⁹⁸. Foi esse gesto errado, nunca concretizado, que fecundou a sua experiência de sofrimento⁹⁹ numa experiência de aprendizagem e libertação. A vida é feita de pequenas mortes e reconhecê-las torna-nos húmus para uma vida com horizontes largos: «A plenitude de estar vivo é experimentar a finitude.»¹⁰⁰. Rita Lança, criadora do modelo Doula das Transições, propõe-nos uma abordagem, apelidada de «vislumbres de morte», que constituem as mudanças significativas, com as quais nos deparamos quotidianamente. A nossa identidade está em permanente mutação, por isso sentimos com frequência o risco da desagregação, do vazio total e da perda e, inevitavelmente, a nudez e a vulnerabilidade da nossa vida. Desta forma, a proposta de Lança é viver a experiência da finitude com plenitude, adaptando novas formas de olhar e viver a morte na vida. Na verdade, José Régio e Pedro da Traslândia também experimentaram a finitude em vida, apreendendo uma visão mais ampla e integradora da vida.

⁹⁸ Régio, José. (2020). A ausência de fé. *Confissão dum homem religioso*. Opera Omnia, p.54.

⁹⁹ «Creio que, se não aniquila ou diminui, a experiência do sofrimento é fecunda para qualquer homem.» (Régio, 2020, p.54)

¹⁰⁰ Lança, Rita. *Doula das Transições: o Conceito, a Filosofia e a Proposta de Acompanhamento*. Disponível em: <https://www.demyurga.com/post/doula-das-transicoes-o-conceito-a-filosofia-e-a-proposta-de-acompanhamento>.

V. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, *A Salvação do Mundo* é uma meditação sobre a condição humana na busca do seu propósito e na luta entre o bem e o mal. A junção de elementos da tragicomédia e filosofia permitem uma abordagem e reflexão mais real, embora metafísica, das grandes questões que assolam o Homem e a Humanidade. A escolha da tragicomédia para abordar os dramas humanos, com eloquência e humor, foi uma escolha acertada, porque este subgênero denota uma propensão para o mergulho filosófico em temas existenciais e psicológicos, refletindo a complexidade das relações humanas.

A linguagem poética e simbólica, os diálogos profundos e as personagens emblemáticas desta peça permitem várias interpretações e promovem uma reflexão crítica acerca do homem, da sociedade, do mundo e da religião. Pedro da Traslândia é o exemplo de um homem novo que luta por um mundo melhor, sendo ele quem faz renascer o Homem na tragicomédia regiana.

Assim, também o pensamento poético e filosófico de Régio renasce a cada releitura, porque não sistematiza verdades absolutas, questiona-as, sob uma dialética dramática – Deus e o homem. O escritor António Braz Teixeira enumera esses dois polos e acrescenta: «Um Deus que ora se afirma como Absoluto, Espírito onipotente e puro, ora se concebe como um ser cindido no acto de criação, em cujo seio será absorvido o homem liberto pela morte.»¹⁰¹. Ora, este homem liberto pela morte é um homem

¹⁰¹ Teixeira, António B. (1998). Breve nota sobre o teatro de José Régio. *Boletim centro de estudos regianos*, (3). Câmara Municipal de Vila do Conde, p.81.

livre e lúcido que aceita a sua condição humana, apesar dos paradoxos, sofismas e incoerências.

Concluindo, *A Salvação do Mundo* pode constituir-se como uma tentativa, uma experiência literária para salvar o nosso mundo interior antes de tudo, porque insiste no debate de questões sem resposta, e é no questionamento e na procura das respostas que o protagonista, o leitor e o espectador consideram as suas próprias perguntas, respostas, crenças ou ações. Ao cair o pano, a questão ergue-se: Será possível a verdadeira salvação?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ATIVA:

Régio, José. (1968). *A salvação do mundo* (2ª ed.). Portugália Editora [Obras Completas José Régio].

Régio, José. (1969). *Poemas de deus e do diabo*. Portugalia Editora [José Régio Obras Completas]

Régio, José. (2020). A ausência de fé. *Confissão dum homem religioso*, 47-61. Opera Omnia.

Régio, José. (2020). O labirinto. *Confissão dum homem religioso*, 81-97. Opera Omnia.

PASSIVA:

Bíblia sagrada. (1995). Difusora Bíblica.

Bergson, H. (1991). *O riso*. Relógio D'Água.

Castro, Ferreira de Castro. (1996). O poeta José Régio. *Vária escrita* N.º3, 247 e 248. C.M. Sintra.

Hermesen, Joke J. (2022). Melancolia e catarse. *Melancolia em tempos de perturbação*, 81-93 Quetzal.

Louf, André. (1999). Em estado de conversão. *Ao ritmo do absoluto*, 7-18. Editorial A.O. – Braga.

Louf, André. (1999). O nossos ídolos e deus. *Ao ritmo do absoluto*, 19-35. Editorial A.O. – Braga.

- Louf, André.** (1999). Crescer através da tentação. *Ao ritmo do absoluto*, 47-57. Editorial A.O. – Braga.
- Santos, Elsa R. dos.** (1998). Ideias expressionistas no teatro de José Régio. *Boletim centro de estudos regionais*, (3), 54-58. Câmara Municipal de Vila do Conde.
- Teixeira, António B.** (1998). Breve nota sobre o teatro de José Régio. *Boletim centro de estudos regionais*, (3), 79-81. Câmara Municipal de Vila do Conde.
- Taipa, Orlando.** (1980). A morte na literatura de Régio. *A dez anos da morte de José Régio*, 19-46. Editorial Resistência.

WEBGRAFIA:

- Lança, Rita.** *Doula das Transições: o Conceito, a Filosofia e a Proposta de Acompanhamento.* Disponível em:
<https://www.demyurga.com/post/doula-das-transicoes-o-conceito-a-filosofia-e-a-proposta-de-acompanhamento>
- Vega, L. de.** *Arte nuevo de hacer comedias en este tiempo.* Disponível em:
https://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/arte-nuevo-de-hacer-comedias-en-este-tiempo--0/html/ffb1e6c0-82b1-11df-acc7-002185ce6064_4.html

